

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

MELISSA COSTA DE MAGALHÃES

**A CORPOREIDADE NA INTERFACE DA TERAPIA OCUPACIONAL E
SAÚDE DO TRABALHADOR**

Rio de Janeiro

2014

MELISSA COSTA DE MAGALHÃES

A CORPOREIDADE NA INTERFACE DA TERAPIA OCUPACIONAL E SAÚDE DO
TRABALHADOR

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do
grau de Bacharel em Terapia Ocupacional

Orientador(a): Prof^a. Ms. Carolina Maria do C. Alonso

Co-orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius M. de
Almeida

Rio de Janeiro

2014

Melissa Costa de Magalhães

**A CORPOREIDADE NA INTERFACE DA TERAPIA OCUPACIONAL E SAÚDE DO
TRABALHADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apresentado como parte dos requisitos necessários para à obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Aprovada em, de 2014.

RENATA MECCA – UFRJ

CAROLINA MARIA DO CARMO ALONSO (ORIENTADORA) – UFRJ

MARCUS VINÍCIUS MACHADO ALMEIDA (CO-ORIENTADOR) - UFRJ

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que eu tivesse um caminho de estudo e de profissão cheio de luz. A minha orientadora e co - orientador pela oportunidade de realizar este estudo e pela dedicação e atenção nos momentos de orientação.

DEDICATÓRIA

A meus pais pelo incentivo, aos mestres que passaram pelo meu caminho fazendo-me desenvolver todo meu potencial, a meu esposo e filha pelo apoio e pelo tempo que não pude dividir para a finalização deste trabalho.

RESUMO

Diante à importância de propor possibilidades de intervenção da Terapia Ocupacional na Saúde do Trabalhador chamando a atenção para promoção da saúde (qualidade de vida), e da quantidade restrita de publicações que tratam sobre intervenções relacionadas à corporeidade e Terapia Ocupacional, o estudo tem por objetivo apontar possíveis contribuições do uso do referencial da corporeidade, pelo Terapeuta Ocupacional, na Saúde do Trabalhador.

Este estudo possui abordagem qualitativa e como metodologia a pesquisa bibliográfica.

Na introdução é feita uma apresentação histórico – social abordando os seguintes tópicos: O Corpo – Um recorte para Corporeidade; O Mundo do Trabalho; O Campo da Terapia Ocupacional. No aporte teórico são apresentados os conceitos que baseiam o estudo com abordagem em tópicos como: Corporeidade e sua relação com a Terapia Ocupacional; Corporeidade e sua relação com o Trabalho; Terapia Ocupacional na Saúde do Trabalhador.

Por fim, na discussão, as possíveis contribuições do uso do referencial da corporeidade, pelo Terapeuta Ocupacional, na Saúde do Trabalhador.

Descritores: Corpo, Terapia Ocupacional, Saúde e Trabalho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	01
1.1 O Corpo: Um recorte para Corporeidade -----	03
1.2 O Mundo do Trabalho -----	07
1.3 O Campo da Terapia Ocupacional -----	09
2. APORTE TEÓRICO -----	11
2.1 A Corporeidade e sua relação com a Terapia Ocupacional -----	12
2.2 A Corporeidade e sua relação com o Trabalho -----	16
2.3 A Terapia Ocupacional na Saúde do Trabalhador -----	17
3. OBJETIVO -----	21
4. METODOLOGIA -----	22
5. DISCUSSÃO -----	23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	26
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA -----	27

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa estuda a Corporeidade com base em teóricos como Almeida (2004;2013), Foucault (2005) e Laban (1974;1978), e também o campo da Terapia Ocupacional nas relações Saúde e Trabalho com abordagem em Lancman (2004), Watanabe e Nicolau (2001), para embasar a discussão sobre as possibilidades do uso da corporeidade na intervenção, pelo Terapeuta Ocupacional, na área da Saúde do Trabalhador.

Partindo do pressuposto que cada movimento se traduz numa possibilidade de expressão corporal, sendo este, o movimento real, ou seja, do interior do indivíduo, do seu estado de concentração, de onde todo seu procedimento metodológico é decorrente, o trabalho da corporeidade será proposto com base em Laban (1978) e Almeida (2004).

Ambos utilizam-se do trabalho da corporeidade visando desenvolver harmoniosamente todas as faculdades humanas e levar ao mais alto grau de consciência, todos os poderes que estão nos sujeitos, realizando-os tão completamente quanto possível, compatível assim, com a integração física, mental e emocional. Esta integração, segundo estes autores, é considerada realidade primeira da condição humana, onde corpo é fluxo e refluxo, é individuação do ser que está em constante processo de transformação das energias que se condensam em diferentes campos, interagindo continuamente entre si, formando o todo. (LABAN, 1978; ALMEIDA, 2004)

Neste sentido, os referidos autores se baseiam na interação constante dos diferentes níveis de organização das estruturas particulares física, mental e emocional nas relações que o sujeito estabelece no mundo, consigo mesmo e com os outros, definindo e redefinindo estruturas de comunicação.

Uma das finalidades pela qual se dá o trabalho da corporeidade é alcançar o plano do movimento integral. Uma vez alcançado possibilita a conquista da consciência pela liberdade, a integração através do conhecimento. É com esta finalidade que, neste estudo, será feita a relação da corporeidade com a Terapia Ocupacional na área da Saúde do Trabalhador.

Partindo do pressuposto que no trabalho da corporeidade tem-se a preocupação com a individualidade de cada pessoa, que a soma das partes não é o mesmo que o todo, que estamos em constante interação com o meio e que não somos, e sim estamos em determinados estados de relação; uma vez que a corporeidade é uma prática que se orienta pela visão do homem como um todo, considerando a patologia, como apenas, mais uma das mais variadas formas que sua natureza encontrou para enfrentar situações insuportáveis ou conscientemente inconciliáveis (ALMEIDA, 2004):

- Quais as possíveis contribuições do uso do referencial da corporeidade pelo Terapeuta Ocupacional em Saúde do Trabalhador?

A escolha do tema deu-se a partir de minha história profissional com aproximação e afinidade com o estudo da corporeidade; experiência de estágio vivenciada no campo da saúde do trabalhador; e devido à importância de propor novas possibilidades de intervenção da Terapia Ocupacional na saúde do trabalhador, chamando a atenção para a promoção de saúde (produção de vida) em uma atividade cotidiana extremamente significativa como é a atividade de trabalho.

Soma-se a isto a quantidade restrita de publicações que tratam diretamente sobre intervenções na saúde do trabalhador relacionadas ao tema Corporeidade e Terapia Ocupacional.

Para atender a esses propósitos, neste capítulo serão apresentados alguns temas importantes para compreensão dos conceitos que serão apresentados no capítulo 2, que servirão como aporte teórico desta pesquisa. Seguirão a seguinte organização:

- 1.1 O Corpo: Um Recorte para Corporeidade
- 1.2 O mundo do Trabalho
- 1.3 O Campo da Terapia Ocupacional

1.1 O CORPO: UM RECORTE PARA CORPOREIDADE

Neste capítulo será apresentado um apanhado histórico sobre as concepções de corpo construídas ao longo da história, desde a sociedade grega até a contemporaneidade, onde o corpo passou por várias transformações no que diz respeito ao seu papel na sociedade. Não é escopo aprofundar, nem discutir as diferentes concepções apresentadas, mas serão usadas para situar o leitor quanto os olhares histórico-sociais sobre o corpo.

O processo de transformação do corpo sempre ocorreu por motivações políticas, econômicas e religiosas. A problemática geral do corpo, no mundo ocidental, é um problema metafísico. Para Platão, o corpo constitui um problema porque atrapalha o espírito e os sentidos são contrários ao intelecto.

Nesta direção, aponta a necessidade da alma humana libertar-se do corpo durante a vida terrena, afastar-se dele é uma necessidade de ascensão espiritual provocada pela filosofia. Platão (2000: 127) *apud* Almeida (2013):

“enquanto tivermos corpo e nossa alma estiver absorvida nessa corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos, isto é, a verdade. Porque o corpo nos oferece mil obstáculos pela necessidade que temos de sustentá-lo, e as enfermidades perturbam nossas investigações.”

Platão aponta para a necessidade do homem disciplinar-se em relação ao corpo. Para poder realizar sua verdadeira vocação que é a contemplação do mundo das ideias, a contemplação da verdade, é necessário mortificá-lo.

Na idade média, o corpo era reprimido, desvalorizado e concebido, principalmente, como vestimenta da alma. A renúncia ao próprio corpo como discurso da salvação. Neste período houve um grande desprestígio das atividades corporais, o corpo era visto como um problema religioso. Com a chegada do Renascimento tem-se uma época de transição, onde o ideal de corpo passou a ter um caráter humanista:

“[...] O homem passou a cultivar a si próprio. As leis sobre o funcionamento da sociedade agora eram ditadas pela razão, e questões como os sentimentos, as emoções, a sexualidade, que durante a idade média eram tidos como ações pecaminosas, foram incorporadas pela nova sociedade”. (FOUCAULT *apud* CASSIMIRO; 2012; p.74)

Na modernidade, o homem passa a ser responsável pela produção do conhecimento e de uma nova percepção de corpo. Caracterizou-se pelo surgimento da Ciência Moderna e de uma nova concepção de homem.

Segundo Cassimiro *et al.* (2012), no final do século XVII, o corpo humano foi considerado pelas Ciências Biológicas como uma máquina cheia de engrenagens, assim esse homem moderno foi quem favoreceu o desenvolvimento das indústrias e

a consolidação do Capitalismo. O que, com base em Aranha e Martins (1996) *Apud* Cassimiro (2012), reflete a visão mecanicista, baseada na visão cartesiana.

Muitas foram as tentativas de restituir o corpo a um lugar positivo, mas uma mudança mais radical da visão ocidental sobre o corpo ocorrerá não inicialmente na filosofia, mas na biologia.

Darwin com seu pensamento evolucionista traz uma visão do corpo biológico. O homem é fruto de um processo natural de mudança e evolução pelo qual todas as espécies passam. Ser de origem animal significa que sua alma imortal, ligação com o divino e promessa do mundo para além deste mundo, pode não existir. Darwin (2004, p. 570 - 571) *apud* ALMEIDA (2013, p. 55), assim afirma:

“[...] quando considero todos os seres não como criações especiais, mas como descendentes em linha reta de uns poucos seres que viveram muito tempo antes que se depositasse a primeira camada da Era Siluriana, a mim parece que tais ganham nobreza com este posicionamento.”

Com Merleau Ponty (1941, *apud* COSTA 2011) uma nova visão de corpo, o Corpo Percepção. Corpo é primado, é potência. O corpo é concebido em duas funções dinamicamente interdependentes, de sujeito e objeto, enquanto sujeito é objeto e enquanto objeto é sujeito. O corpo é constituído em função de nossas relações com o mundo, com o outro, constituído a partir de nossas percepções em relação ao momento vivido.

Laban (1978) defende que toda ação tem um aspecto tangível e outro intangível. O aspecto tangível refere-se à ação motora e o intangível ao afeto que faz o sujeito produzir o movimento. Toda atividade humana é movida por esses dois aspectos. Laban se aproxima de Marx em suas concepções sobre o homem moderno na era da industrialização.

Diante de tantas transformações chegou-se a uma perspectiva de um corpo potência, um corpo considerado individualização do ser que está em constante processo de transformação das energias que se condensam em diferentes campos, interagindo continuamente entre si, formando o todo. Realidade primeira da condição humana em processo de evolução, integração físico - mental – emocional, que deve ser compreendido e tratado em compatibilidade com o que é a vitalização e revitalização da criação, onde cada movimento se traduz numa nova possibilidade da expressão corporal, do interior do indivíduo, do seu estado de concentração, de onde todo seu procedimento metodológico é decorrente.

Na contemporaneidade, período que se caracteriza por grandes avanços tecnológicos e científicos e pela globalização, o referencial do corpo potência dá lugar a uma concepção de corpo que passa a ser advinda da indústria cultural. Reduz-se então, um corpo potente ao referencial de corpo capital.

“[...] O estilo de vida e o desejo de obter a perfeição física levaram o homem da sociedade industrial a buscar, excessivamente, um novo padrão de beleza, satisfazendo um desejo que não é próprio de sua natureza, mas, sim, de uma exigência para sua inclusão na sociedade, onde tudo pode virar mercadoria.” (CASSIMIRO *et al.*; 2012)

Marx define o corpo como objeto, nas relações mercado-capital, o corpo adquire atributos negociáveis do mercado de trabalho. Marx aponta que o homem perdeu a capacidade múltipla de suas ações. O homem passa a ser alienado de sua práxis, massacrado por ações repetidas sem significação.

Marx *apud* Almeida (2004) afirma que, no sistema capitalista, a atividade é dividida não voluntariamente, mas naturalmente, a própria ação humana torna-se um poder estranho oposto a ele, que o escraviza em vez de ser por ele controlado. Pois tão logo a distribuição de trabalho se instaura, cada homem tem uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta da qual ele não pode escapar. Ao passo

que na sociedade comunista, onde ninguém possui uma esfera de atividade exclusiva, mas todos podem se aperfeiçoar em qualquer uma, a sociedade regula a produção geral e assim se torna possível fazer uma coisa hoje e outra amanhã de acordo com minhas inclinações, sem nunca tornar-se um só.

O estudo seguirá tendo como referencial o corpo potência, possuidor de aspectos tangíveis e intangíveis, integração biopsicossocial nas suas dimensões cultural, histórica e social. O corpo construído a partir das percepções de nossas relações.

1.2 O MUNDO DO TRABALHO

Neste capítulo será apresentado um apanhado histórico sobre o mundo do trabalho. Não é escopo aprofundar, nem discutir as diferentes concepções apontadas, mas serão usadas para situar o leitor quanto os olhares histórico-sociais sobre o trabalho.

Oliveira (2003) coloca: “Numa perspectiva histórica - filosófica, o trabalho começa quando o homem busca os meios de satisfazer suas necessidades: a produção da vida material”. Segundo Engels, o trabalho é fundamento da vida humana.

Primeiro, a agricultura, a fiação e a tecelagem, mais tarde, a manipulação de metais, a olaria e a navegação, em seguida, o comércio, os ofícios, as artes. Nosella (1995; p.32) *apud* Oliveira (2003):

“a partir dos séculos XV e XVI o trabalho exige do homem cada vez menos habilidade das mãos e cada vez mais a livre disponibilidade do corpo. (...) A máquina, obra da inteligência humana, poderia finalmente reduzir a jornada de trabalho para transformar o homem escravo em cidadão político, culto e artista”.

Posteriormente, com a expansão do mercado, mudanças quanto à organização do trabalho. O sistema fabril vem substituir o sistema doméstico, no qual o trabalho é dividido e o trabalhador realiza uma tarefa específica. Passa a ser simplesmente tarefeiro assalariado, não tendo a visão de conjunto do processo de fabricação.

Dejours (1998) *apud* Oliveira (2003) aponta três períodos, na luta dos trabalhadores por melhores condições de vida e trabalho. O período de busca pela redução da jornada de trabalho, a conquista do movimento operário por bases mais sólidas, caracterizado por reivindicações que demandam proteção à saúde, “onde a proteção do corpo é a preocupação dominante” (DEJOURS, 1998, p.18) *apud* Oliveira (2003). O terceiro período, que se segue a 1968, no qual a preocupação com a saúde mental contra o sofrimento pelo trabalho se impôs.

Dejours (1998) *apud* Oliveira (2003) chama atenção para os prejuízos da Organização Científica do Trabalho nos mecanismos de defesa do trabalhador, uma vez que esta organização além de desapropriar o saber do trabalhador, amordaça a liberdade de invenção, de organização ou de adaptação do trabalho.

Para o autor referenciado, esse é um prejuízo à integridade do aparelho psíquico e ao corpo, por meio da somatização. Do ponto de vista psicopatológico, esta organização traduz-se por uma tripla divisão: divisão do modo operatório, divisão do organismo (órgãos de execução e órgãos de concepção) e divisão entre os homens (contramestres, chefes, reguladores).

A partir dos anos oitenta, as transformações no mundo do trabalho levaram alguns estudiosos do trabalho a anunciarem o fim da sociedade do trabalho. Desde então, tornou-se perceptível a tendência a se desconsiderar o papel do homem trabalhador, da pessoa capaz de lutar por uma vida com mais autonomia, liberdade e emancipação; a se perder o significado de práxis, de formação da consciência

enquanto processo de “conhecimento dialético, como conducente a mudanças nas relações de trabalho e/ou nas condições gerais de existência” (GOMEZ, 1995, p.55) *apud* Oliveira (2003).

Na década de 90 há um redescobrimto do trabalho, a lógica do capital, mercado em moldes neoliberais sobrepõe-se à lógica do trabalho gerando um envolvimento que é paradoxal. (WATANABE e NICOLAU, 2001)

Watanabe e Nicolau (2001) colocam o Capitalismo industrial como instituidor da produção em série, uma nova maneira de o homem organizar o processo produtivo para garantir a sobrevivência e gerar riqueza. Esta nova organização não visa às particularidades do trabalhador, bem como objetivos e desejos próprios. A atividade de trabalho torna-se impessoal, empobrecida, o trabalhador não tem poder sobre seu processo de trabalho. Ambos indagam: A forma de trabalho pós-industrialização é uma atividade que o trabalhador executa para si? Ele pode controlar? É uma atividade em que é capaz de expressar autonomia? Segundo os autores referidos, tudo indica que não devido à organização da atividade de trabalho.

Os Terapeutas Ocupacionais no Brasil vem atuando com enfoques como reabilitação, prevenção de doenças, promoção da saúde e promoção social. (WATANABE, NICOLAU; 2001)

1.3 O CAMPO DA TERAPIA OCUPACIONAL

Neste capítulo será apresentada uma síntese sobre o campo da Terapia Ocupacional, que servirá de base para o aprofundamento que será feito no aporte teórico sobre a atuação da Terapia Ocupacional na Saúde do Trabalhador.

A Terapia Ocupacional, desde seu princípio, caracterizou-se como profissão da área da saúde. Surgiu como recurso, instrumento e ato médico e teve como escola precursora a “Escola do Tratamento Moral”. Com o declínio do Tratamento Moral no século XIX, passa a predominar a concepção organicista da doença, ou seja, a doença explicada por conceitos anatômicos, bioquímicos ou endócrinos, com a realização de estudos clínicos e cirúrgicos para localizar alterações encefálicas responsáveis pela conduta dos doentes (DE CARLO, BARTALOTTI; 2001).

No século XX se dá a aceitação da utilização terapêutica da ocupação, a partir do conhecimento de que a saúde está ligada às complexidades das experiências diárias, num mundo físico e social complexo, e da afirmação sobre o direito do indivíduo dispor de doenças, de ser respeitado e de se auto satisfazer. O homem passa, então, a ser visto como organismo complexo, psicológico e biológico em interação com o mundo social. (DE CARLO, BARTALOTTI; 2001).

A profissão se constituiu sempre vinculada ao uso da atividade, sendo estas de autocuidado, lazer ou produtivas. Na tentativa de converter as atividades em instrumento de ciência exata, procurou-se pesquisar os componentes de cada ação, sua natureza, potencialidade como forma de tratamento, com o objetivo de conhecê-la anteriormente com a finalidade de adaptá-la, graduá-la e indica-la às pessoas atendidas de acordo com sua disfunção ou diagnóstico. (DE CARLO *et al.*, 2001)

A partir dos anos 80, criam-se outras formas de ver o corpo em movimento, em ação, em suas ações cotidianas, assim, o compromisso da reabilitação passa a ser, de fato, o desenvolvimento da vida, com o sentido de ser no social, na trama do cotidiano. (DE CARLO, BARTALOTTI; 2001)

Nos anos 90, a Terapia Ocupacional depara-se com o problema de reabilitar os espaços vividos, a comunidade, a cidade. Há uma mudança significativa do papel do profissional que passa a ser responsável pela criação de novas possibilidades e

configurações dessa prática. A saúde passa a ser compreendida como produção de vida, o que implica uma pluralidade de intervenções. (DE CARLO, BARTALOTTI; 2001)

O ato de realizar atividade gera mudança de atitude, pensamentos e sentimentos; restaura o equilíbrio emocional e atua na estruturação da relação tempo-espço. É um mecanismo orientador profundamente relacionado ao processo de percepção, pensamento, sentimento, intuição e ação. O sentido básico das atividades é tornar o viver amplo e mais intenso. (CASTRO *et al.*, 2001)

Castro (2001) coloca que, na atenção em Terapia Ocupacional, há a necessidade de resgatarmos a unidade nas atividades dos sujeitos, fator fundamental nos processos de restabelecimento da saúde, pois é também por meio de atividade que podemos estimular o organismo e ativar novo potencial de vida. O corpo e tantos outros materiais oferecem possibilidades e podem proporcionar uma experiência de transformação do cotidiano, de si mesmo e das relações interpessoais.

2. APORTE TEÓRICO

Este capítulo visa oferecer ao leitor as bases conceituais utilizadas na construção da pesquisa. Serão apresentadas na seguinte organização:

- A Corporeidade e sua relação com a Terapia Ocupacional
- Corporeidade e Trabalho
- Terapia Ocupacional na Saúde do Trabalhador

2.1 A CORPOREIDADE E SUA RELAÇÃO COM A TERAPIA OCUPACIONAL:

A corporeidade é um conceito jovem da filosofia que assume o estatuto de uma grande área de investigação onde filosofia, história, sociologia, clínica, política se transversalizam, operando mudanças significativas no pensamento e nas práticas cotidianas. Almeida (2004; p.7) afirma:

“Corporeidade seria pensar o corpo no tempo, formado pelas inscrições históricas, culturais, pelas experiências vividas. Nele tudo se produz: subjetividade, cultura, sociedade, poderes, opressões e desejos. Cada estruturação do corpo resulta em uma realidade material, psicológica, social, complexa, interligada e indissociável”.

Através do corpo estabelecemos relações com o mundo, no fazer o corpo se faz. Para Almeida (2004) pensar em corporeidade é pensar de que modo a terapia ocupacional interfere na edificação desse corpo, uma vez que todo fazer, toda experiência, toda ocupação opera novas estruturações num corpo.

Ao longo do tempo surgiram diversas classificações de corpo como apontado na introdução, em sua maior parte, com o intuito de definir um corpo que atendesse às necessidades tecnológicas, um corpo produtivo para atender a demanda da revolução que se estabelecia, um corpo para a indústria. Surgem a anatomia, fisiologia, cinesiologia e as análises das atividades que, segundo Almeida (2004), não entendem o corpo como rede, como estruturações que só têm sentido em conexão, mas como partículas mínimas, unidades geradoras de movimentos isolados.

Tais correntes de pensamento não atentam para o fato de que é no fazer que cada corpo produz, cria uma técnica própria para cada atividade. Almeida (2004; p 11) ainda coloca que:

“contemporaneamente atravessando o ato do fazer e a terapia ocupacional, passamos a pensar no corpo e nas ações de

forma complexa: corpo e fazer funcionando em redes, em estruturações que se movem. Não se preocupa simplesmente corrigir ou normalizar um corpo, mas também em produção de novos corpos, novos fazeres. Para Almeida devemos pensar como as neurociências: nosso ato para reabilitar é fazer com que as ações e o corpo que as realiza, levam a um novo sistema auto - organizado que seja produtor de intensidades na vida do sujeito”.

Almeida (2004) cita Foucault, que afirma “a sociedade capitalista produz desejos, produz um corpo nos conformes de seus desejos capitalistas, captura o próprio corpo”. Segundo Almeida (2004), com o desenvolvimento do conceito de corporeidade e da importância das ações e ocupações na constituição de novos sujeitos, algumas resistências a essa produção de desejo podem criar novas sensibilidades e estratégias para a clínica, configurando-se assim uma função para a Terapia Ocupacional.

Cada indivíduo é resultado de suas vivências cotidianas em uma rede de relações. Seu movimento está ligado à funcionalidade, ao psiquismo, à cultura, às ocupações e à sociedade. As ações por nós vivenciadas ficam arquivadas em nosso corpo como memória não só como etapas de atividades, mas também como qualidades corporais. Trabalhar na corporeidade é reviver as atividades que se imprimiram em nossos corpos.

O Trabalho de corporeidade pode se dar individualmente ou em grupo. Quando vemos no outro a repetição do movimento que criamos é ver o mesmo movimento com uma cor, com um sentido próprio. A mesma forma e mesma trajetória com qualidades corporais diferentes. Segundo Almeida (2004), espelhar a diferença nos produz um intenso conhecimento de nosso próprio corpo e estruturação existencial, que nos permite resistir à nossa corporeidade constituída e navegar outras gestualidades.

Foucault (2005), em o cuidado de si, fala sobre a intensidade das relações consigo, das formas nas quais se é chamado a se tomar a si próprio como objeto de

conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se e promover a própria salvação. O desenvolvimento daquilo que se poderia chamar uma “Cultura de si”, na qual foram intensificadas e valorizadas as relações de si para consigo.

Segundo Foucault (2005), por essa expressão é preciso entender que o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se de si mesmo é em todo caso, um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes. Este preceito também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas; constituiu assim uma prática social dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições.

Proporcionou, enfim, certo modo de conhecimento e elaboração de um saber. É preciso compreender que essa aplicação a si não requer simplesmente uma atitude geral, uma atenção difusa, mas todo um conjunto de ocupações. Tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: esta não constituiu um exercício da solidão, mas sim uma verdadeira prática social.

A prática de si implica que o sujeito se constitua em face de si próprio, não como um simples indivíduo imperfeito, ignorante e que tem necessidade de ser corrigido, formado e instruído, mas sim como indivíduo que sofre de certos males e que deve fazê-los cuidar, seja por si mesmo ou por alguém que para isso tem competência.

Diante das colocações anteriores, seria possível através das práticas que estimulem a corporeidade, como por exemplo, a consciência corporal, revelar os desejos de um corpo desvalorizado e colocado como desqualificado, após o aparecimento de uma patologia. Para criar novos corpos é preciso entender o que nos captura, resistir à subjugação gerando desejos pertencentes a si mesmo.

Segundo Almeida (2004), há algo no campo do movimento que as práticas cinesioterápicas não podem realizar e que pode fazer parte apenas de uma prática terapêutica ocupacional. “Nosso movimento está ligado à funcionalidade, ao psiquismo, à cultura, às ocupações e à sociedade” (ALMEIDA, 2004; p.40)

Saito e Castro (2011) apresentam as práticas de consciência corporal como dispositivos que favorecem o conhecimento e a apropriação do corpo, a potencialização da vida e a participação de sujeitos em redes sociais. As autoras apresentam como resultado observado do estudo que propuseram, a intensificação das relações pessoais no grupo, com maior tolerância e receptividade e a sensibilidade às situações cotidianas mais aguçadas.

Saito e Castro (2011) afirmam ser a corporeidade, na Terapia Ocupacional, potente instrumento de transformação do cotidiano da população atendida, à medida que se tornam experiências do próprio sujeito, propiciando a apropriação de si e instaurando uma condição de trabalho que promove a consciência e a criação de um cotidiano e de uma saúde em constante cuidado e produção.

Segundo Saito e Castro (2011), para a população atendida nos serviços de Terapia Ocupacional, que expressam dificuldades em acompanhar os acontecimentos da vida no ritmo imposto socialmente, tendo sua subjetividade afetada e seus princípios organizadores do ser fragmentados, no trabalho com as práticas corporais é possível levar o indivíduo a tornar-se sensível as ações, ao ambiente, a perceber seu corpo (como se encontra, suas tensões e cansaços). As autoras afirmam:

“Os trabalhos de consciência corporal abrem espaço para emergência e a descoberta de modos de existir particular de cada sujeito, pois favorecem o olhar singular para cada existência, possibilitando a afirmação da essência do ser que, se constitui como um direito”. (SAITO e CASTRO, 2011, p. 181)

2.2 A CORPOREIDADE E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO:

Laban (1974) pesquisou no campo do trabalho como fonte de conhecimento a investigação das capacidades de empenho mostradas nas funções da máquina corporal do homem, e nas regras que regem sua aplicação de economia (do empenho) e eficiência.

A descrição da máquina corporal e de suas funções prevê um vasto campo de pesquisa, no qual uma série de ciências está lincada, como a anatomia, fisiologia, biologia, psicologia e antropologia, também incluindo a sociologia.

A descrição de uma máquina é, entretanto, ligeiramente diferente do que a descrição de seu funcionamento, na prática, e assim, a descrição do mecanismo do corpo humano difere daquela da sua utilização prática em qualquer tipo de trabalho.

Laban propõe a análise dos movimentos e da aplicação dos esforços (peso, tempo, espaço, fluxo) para a realização destes nas funções de trabalho. "A máquina eficiente que pode ser facilmente operada é conduzida e assistida pelo homem, que deve ser ensinado sua própria energia corporal do jeito certo". (LABAN, 1974; cap. 2)

Laban (1974) acredita ser uma das duas medidas necessárias para aprofundar a economia geral do empenho humano a instrução. Instrução para Laban (1974) é o ensinamento de pessoas sobre como usar sua máquina corporal de um jeito certo. A partir do estudo dos esforços (peso, tempo, espaço, fluxo) e de suas combinações torna-se possível melhorar a produtividade do trabalhador na realização de suas funções. Atividades que trabalhem a corporeidade, como a consciência corporal pode ser utilizada para instruir o trabalhador a utilizar sua máquina corporal de um jeito mais adequado para a realização de suas atividades?

Para responder a questão apresento as colocações feitas por Saito e Castro (2011) a partir de experiência, na qual se tinha como objetivo discutir as práticas de consciência corporal como dispositivos que favorecem o conhecimento e a apropriação do corpo, a potencialização da vida e a participação de sujeitos em redes sociais.

As autoras colocam a prática da consciência corporal como uma possibilidade de realizar ações onde um novo ritmo e uma nova qualidade fazem-se presentes; promove sensibilidade no contato com as pessoas do nosso cotidiano; proporciona o desmanche da rigidez muscular e um aguçamento da sensibilidade; maior integração grupal com maior tolerância e receptividade a novas pessoas e a novas experiências, com aceitação e reflexão sobre os desagradados, ao invés de julgamento pela aparência; fortalecimento de rede social.

Com base nas autoras pode-se ainda dizer, quanto ao nosso ritmo corporal que, nossa percepção é mascarada pelo ritmo social que nos é imposto. Este nos impede de assimilar nossas experiências cotidianas no ritmo que nos é próprio.

As práticas de consciência corporal permitem o resgate de nosso ritmo próprio apresentando-se assim como práticas potencializadoras da vida e de novas redes sociais, importante dispositivo nas práticas da Terapia Ocupacional.

2.3 A TERAPIA OCUPACIONAL NA SAÚDE DO TRABALHADOR:

A Terapia Ocupacional nasce para reabilitar e inserir no mundo do trabalho indivíduos que dele estavam alijados, sob uma perspectiva reducionista sem ponderações acerca da organização do trabalho (WATANABE e NICOLAU, 2001). O conceito de trabalho se transformou de acordo com mudanças políticas, sociais, organizacionais, avanços tecnológicos e com variações entre culturas.

Segundo Lancman (2004), a Terapia Ocupacional era voltada à reabilitação nas suas mais diferentes vertentes, entre elas a reabilitação profissional, campo no qual foi dirigida à reabilitação e a reinserção profissional dos trabalhadores vitimados por doenças profissionais ou acidentes de trabalho.

Surgem os Centros de Reabilitação Profissional, vinculados ao Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) em 1960. Esses centros eram centros interdisciplinares, voltados para avaliação, recuperação, reabilitação e habilitação profissional, sobretudo à reabilitação física, restritos a trabalhadores contribuintes da Previdência.

“As ações de reabilitação tinham caráter individual e isolado, não intervinham nas empresas para garantir a reinserção profissional acidentado, nem participavam de qualquer ação preventiva no sentido de evitar acidentes”. (LANCMAN, 2004; p. 78)

A partir de 90, surgem novos serviços voltados aos trabalhadores ligados aos Estados e Municípios: Os Programas de Saúde do Trabalhador (PST) e Centros de Referência de Saúde do Trabalhador (CRST). Os CRST já continham, em seus princípios, pressupostos de vigilância e intervenção em empresas, visando ao estudo de postos, de ambientes e de condições de trabalho com a participação dos sindicatos e ministério público.

Dentre os profissionais das equipes dos CRST encontra-se o Terapeuta Ocupacional. Com sua inserção nestes centros, a Terapia Ocupacional pode ampliar sua prática, na Saúde do Trabalhador, para níveis de atenção como: intervenção direta em situações de trabalho através de ações de vigilância; atendimentos individuais ou em grupos de reflexão com trabalhadores acometidos por doenças relacionadas ao trabalho, e ainda a busca de alternativas para trabalhadores que foram demitidos devido ao acometimento por doenças relacionadas ao trabalho.

Para Lancman (2004), houve então, a aproximação de outras práticas e teorias, como: da Saúde Coletiva, Ergonomia e da Psicodinâmica do Trabalho. O Terapeuta Ocupacional vincula à sua formação o estudo de análises de atividade dentro de uma visão biopsicossocial do indivíduo.

Nesta direção, recursos utilizados normalmente pelos Terapeutas Ocupacionais na área da Saúde e Trabalho ganham nova dimensão e aplicação.

Alguns de seus compromissos: conhecer os postos de trabalho e o trabalho real pela ótica dos trabalhadores, atuar na promoção da saúde conscientizando-os sobre os processos de trabalho, garantir o cumprimento de deveres da empresa em relação aos aspectos previdenciários relativos à Consolidação das Leis Trabalhistas, à saúde e à segurança no trabalho e aos acordos coletivos firmados entre empresa e trabalhadores.

Segundo Lancman (2004), entende-se que este campo deve ser mais bem desenvolvido entre os Terapeutas Ocupacionais teórica e metodologicamente. Isso significa considerar a importância do trabalho e sua influência em todos os âmbitos do viver. Apontar para construção de um novo modelo de intervenção na área, com uma abordagem mais preventiva e coletiva, para compreensão da centralidade do trabalho na organização social e psíquica do indivíduo, e a determinação da qualidade de vida e tempo do não trabalho.

Não é possível pensar mudanças tanto funcionais quanto parciais sem considerar a complexidade das relações implicadas no mundo de trabalho. Essa compreensão torna-se essencial nas tentativas de estabelecer processos de transformação de situações de trabalho como na forma de ver, pensar o retorno do trabalhador ao trabalho. Lancman (2004; p. XI) afirma:

“É de fundamental importância que os terapeutas ocupacionais considerem as condições e a organização do trabalho determinantes no processo de adoecimento e que, dessa forma, permitam ao trabalhador não somente uma tomada de consciência, mas também, uma instrumentalização que venha mudar sua relação com o trabalho, fazendo do processo de tratamento um processo de participação que resulte em uma ação transformadora.”

Neste sentido, é necessário apreender e compreender o trabalho, escutá-lo a partir de quem o executa. Essa escuta deve ser realizada de forma coletiva e deve ser feita a partir de um processo de reflexão sincronicamente com os indivíduos que realizam o trabalho.

Acredita-se que o sujeito é capaz de pensar, de refletir, de se apropriar do trabalho vivenciado e de se emancipar. Esta reflexão é que permite ao sujeito a readequação de sua realidade de trabalho, dos resultados deste na sua saúde e, ao mesmo tempo, mobilizar os trabalhadores para gerar e estimular as mudanças necessárias para torná-lo mais saudável. (LANCMAN, 2004)

As atividades terapêuticas devem possibilitar a expressão e transformação do sofrimento físico e mental, caso estes se façam presentes, devem propiciar maior consciência corporal, autocuidado e mobilizar percepções, reflexões contribuindo para o desbloqueio de condicionamentos com a finalidade de se atingir a saúde, buscando produtividade em padrões que preservem a saúde e qualidade de vida. (WATANABE, NICOLAU; 2001)

São muitas as atividades terapêuticas que podem ser aplicadas como meio e/ou fim. Algumas delas: Treino de AVD e AVP, atividades artísticas, artesanais, jogos cooperativos, discussões, palestras, visitas setoriais, institucionais, relaxamento, atividades corporais, intervenção no posto de trabalho e adaptações.

O homem saudável é considerado o homem produtivo, ou seja, homem instrumentalizado para fazer de seu processo de tratamento, um processo de participação que resulte em ação transformadora, produtora de vida. É preciso olhar com cuidado ao trabalho, pois este pode ser causa de adoecimento por exploração do homem pelo homem. Um processo de trabalho inadequado pode afastar o homem de sua condição primeira de existência: um ser integral em equilíbrio de suas funções físico, mental, emocional em processo constante de individuação, de construção de sua subjetividade.

A exemplo da clínica do trabalho acredita-se que é a partir dos profissionais de Terapia Ocupacional e da reflexão que se pode formular sobre essa prática que esse avanço pode ocorrer. (LANCMAN, 2004)

3. OBJETIVO

Apontar possíveis contribuições do uso do referencial da corporeidade pelo Terapeuta Ocupacional na Saúde do Trabalhador.

4. METODOLOGIA

Este estudo enquadra-se no campo da pesquisa qualitativa e trata-se de pesquisa de análise bibliográfica desenvolvida com base em material já elaborado, como livros, teses e artigos científicos sobre Corporeidade, Terapia Ocupacional, Saúde e Trabalho (Gil, 2006).

O procedimento inicial para realização da pesquisa bibliográfica visou basear elaboração da pesquisa e em sequência investigar a reflexão, discussão de pontos base do contexto da pesquisa e composição do referencial teórico.

O procedimento de coleta de dados deu-se por meio de pesquisa em bases específicas de Terapia Ocupacional utilizando termos como Corporeidade, Terapia Ocupacional e Saúde do Trabalhador com objetivo de encontrar publicações mais recentes que pudessem dar um panorama atual sobre o tema na área específica do estudo, complementando assim as bibliografias de base escolhidas para o estudo.

Como os resultados de busca foram muito reduzidos e ainda, artigos foram descartados por não tratarem exatamente de questões pertinentes ao estudo, buscas posteriores foram realizadas com algumas modificações.

As buscas foram ampliadas para outras áreas profissionais em sites com maior abrangência de publicações utilizando termos como Corpo, Saúde e Trabalho. Ainda assim os resultados foram reduzidos.

Em segundo momento foi utilizado procedimento de análise de conteúdo (Franco, 1986). A análise foi dividida em etapas de Pré-análise, Exploração do material e tratamento de dados. Na pré-análise realizada leitura minuciosa do material visando selecionar e organizar conteúdos encontrados; na exploração do material realizada a

busca, no texto, de conteúdos que respondessem aos objetivos especificados e no tratamento de dados realizados a reordenação dos dados obtidos nas etapas anteriores da análise e a interpretação dos resultados.

5. DISCUSSÃO

Neste capítulo visa-se relacionar as colocações feitas anteriormente no aporte teórico, apontando possíveis contribuições do uso do referencial da corporeidade, pelo Terapeuta Ocupacional, na Saúde do Trabalhador.

Watanabe e Nicolau (2001), como apontado no aporte teórico, colocam que as atividades terapêuticas devem possibilitar a expressão e transformação do sofrimento físico e mental, e caso estes se façam presentes, devem propiciar maior consciência corporal, autocuidado e mobilizar percepções e reflexões.

A partir dessa colocação, aponta-se uma possível contribuição do uso do referencial da corporeidade, pelo Terapeuta Ocupacional, levando-se em conta que, o uso deste referencial traz a possibilidade de proporcionar maior consciência corporal por meio da condução do indivíduo à percepção de suas condições corporais, promovendo assim reflexões sobre seu corpo e novas possibilidades de significação enquanto sujeito.

Outra possível contribuição do uso do referencial da corporeidade, pelo Terapeuta Ocupacional, se faz presente na Saúde do Trabalhador por possuir a capacidade de possibilitar reflexões sobre nosso próprio corpo e novas possibilidades de significação, o que leva o sujeito a se implicar no processo de

tratamento. É apontado por Lancman (2004), como colocado no aporte teórico, ser de fundamental importância que os Terapeutas Ocupacionais permitam ao trabalhador, não somente uma tomada de consciência, mas também, uma instrumentalização que venha mudar sua relação com o trabalho, fazendo do processo de tratamento, um processo de participação que resulte em ação transformadora.

Neste sentido, Lancman (2004) reafirma a necessidade de implicar o sujeito no seu cuidado, como colocado por Foucault (2005) sobre o cuidado de si. O cuidado de si implica que o sujeito se constitua em face de si próprio, como indivíduo que sofre de certos males e que deve fazê-los cuidar, pois temos como indivíduos únicos, algo que pertence a nós próprios que apenas nós mesmos conseguimos acessar, significar. Em concordância com Foucault, Laban (1978) e Almeida (2004) colocam como propriedade de nossos movimentos, de nossas ações os aspectos tangíveis e intangíveis.

Laban (1974), conforme apresentado no aporte teórico, coloca o estudo dos esforços (peso, tempo, espaço e fluxo) e de suas combinações realizado a partir do uso do referencial da corporeidade, na saúde do Trabalhador, como uma possibilidade de melhora na produtividade do trabalhador na realização de suas funções. A consciência corporal pode promover uma melhora na compreensão de nossa máquina corporal, o que levaria a uma melhora na realização das atividades, diminuição do desgaste corporal e como consequência uma possível melhora na produtividade do trabalho.

Saito e Castro (2011), de acordo com o que foi apresentado no aporte teórico, colocam a prática da consciência corporal, onde se faz presente o uso do referencial da corporeidade, pelo Terapeuta Ocupacional, como uma possibilidade de realizar

ações onde um novo ritmo e nova qualidade fazem-se presentes. Esta prática pode ser também utilizada na Saúde do Trabalhador com intuito de alcançar o mesmo fim.

Nesta direção, torna-se possível o resgate de um ritmo corporal próprio, ritmo este muitas vezes massacrado pelo ritmo social que nos é imposto, advindo da indústria cultural onde se faz presente o referencial de corpo-capital.

Saito e Castro (2011) apontam ainda, o uso do referencial da corporeidade, pelo Terapeuta Ocupacional, como uma possibilidade de proporcionar melhoras na rigidez muscular, alívio de tensão, aguçamento da sensibilidade, maior integração grupal, maior tolerância e receptividade a novas pessoas, experiências e fortalecimento de rede social, podendo trazer as mesmas positivas contribuições se utilizada na Saúde do Trabalhador.

6. APONTAMENTOS FINAIS

A partir deste estudo torna-se possível apresentar o uso do referencial da corporeidade, pelo Terapeuta Ocupacional, na Saúde do Trabalhador, como um instrumento que pode oferecer contribuições positivas no processo de tratamento.

Pode contribuir para o resgate de um corpo potência, no qual se faz presente a produção de subjetividade, cultura, sociedade, poderes, opressões e desejos.

É possível utilizar o referencial da corporeidade, pelo Terapeuta Ocupacional, na Saúde do Trabalhador, para promoção da saúde, prevenção de doenças e também como atividade de reabilitação para auxiliar o retorno ao trabalho. Seu uso torna-se importante por seu potencial reflexivo, produtor de consciência corporal; por sua capacidade de proporcionar novas significações; por pensar o corpo e suas ações de forma complexa, integral; por ser produtor de intensidades na vida do sujeito, e ainda, por proporcionar o resgate à unidade nas atividades do sujeito, fator este fundamental no processo de restabelecimento da saúde, podendo gerar uma experiência de transformação do cotidiano, de si mesmo e das relações interpessoais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.V.M. **Corpo, Arte e Terapia Ocupacional**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.

ALMEIDA, M.V.M. **Laban e o corpo intenso**. 2013. Dissertação (Pós- Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.

CASSIMIRO, E.S., GALDINO F.F.S. **As Concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: Da Grécia Antiga à Contemporaneidade**. Revista eletrônica Print by <http://www.ufsj.edu.br/revistalable>, Metávoia, São João del-Rei/MG, n.14, 2012.

COSTA, V.M.M. **Corpo e História**. Revista Ecos, edição 010, julho 2011.

DE CARLO, M.M.R.P., BARTALOTTI, C. C. (Orgs.) **Terapia Ocupacional no Brasil: Fundamentos e perspectivas**. 3ª edição. São Paulo: Plexus, 2001.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FOUCAULT, M. **Cuidado de Si**. 8ª edição. São Paulo: Graal, 2005.

FRANCO, MLPB. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: PUC; 1986.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas S.A., 1999.

GOMEZ, C. M. Processo de trabalho e processo de conhecimento. In: GOMES, C. M. (Ed). **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995. p.43-58.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LABAN, Rudolf e LAWRENCE, F.C. **Effort. Economy of human movement**. Estover, Plymouth: Macdonald & Evans, 1974.

LANCMAN, S. (Org.) **Saúde, Trabalho e Terapia Ocupacional**. 1ª edição. São Paulo: Roca, 2004.

OLIVEIRA, A.J. **Passeio pelo Mundo do Trabalho**. Revista de Terapia Ocupacional Universidade São Paulo, v. 14, n. 1, p. 27-33, jan./abr., 2003.

SAITO, C.M., CASTRO, E.D., **Práticas Corporais como Potência de Vida**. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, Mai/Ago 2011, v. 19, n.2, p 177-188.